

## ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA REDE URBANA DA SUAZILÂNDIA

### I

A penetração da África ao Sul do Sara por comerciantes e colonizadores europeus trouxe elementos novos para a organização do espaço (\*). Um dos mais importantes foi a introdução do conceito de aglomerado urbano e o desenvolvimento concomitante dos centros urbanos. Na sua feição primária, o papel destes era o da recolha de produtos agrícolas e de actividades administrativas ou mineiras; mas, com o aparecimento da actividade industrial, ligada a um processo intenso de urbanização, as funções iniciais dos aglomerados africanos foram alteradas. Devido a factores físicos e sociais, muitos centros urbanos da África do sudeste, sob domínio britânico, apresentam aspectos evolutivos semelhantes. Não faz excepção o actual território suazi (fig. 1), onde os vários factores da sua história política são responsáveis pela actual estruturação económica e urbana. Dentre eles sobressaem factores de ordem psicológica, como o espírito de independência que os suazis mostraram na «construção da sua nação» durante os séculos XVIII e XIX; factores inerentes à natureza e à topografia, que caracterizam a actual Suazilândia, protegendo-a sempre nos períodos de degradação política, enquanto outras tribos, noutras circunstâncias, foram destruídas ou reabsorvidas por grupos mais poderosos; factores de política externa,

(\*) Agradecemos ao Arquitecto José Forjaz, a Louisa Dlamini e à população da Suazilândia o apoio e a colaboração gentilmente prestados.

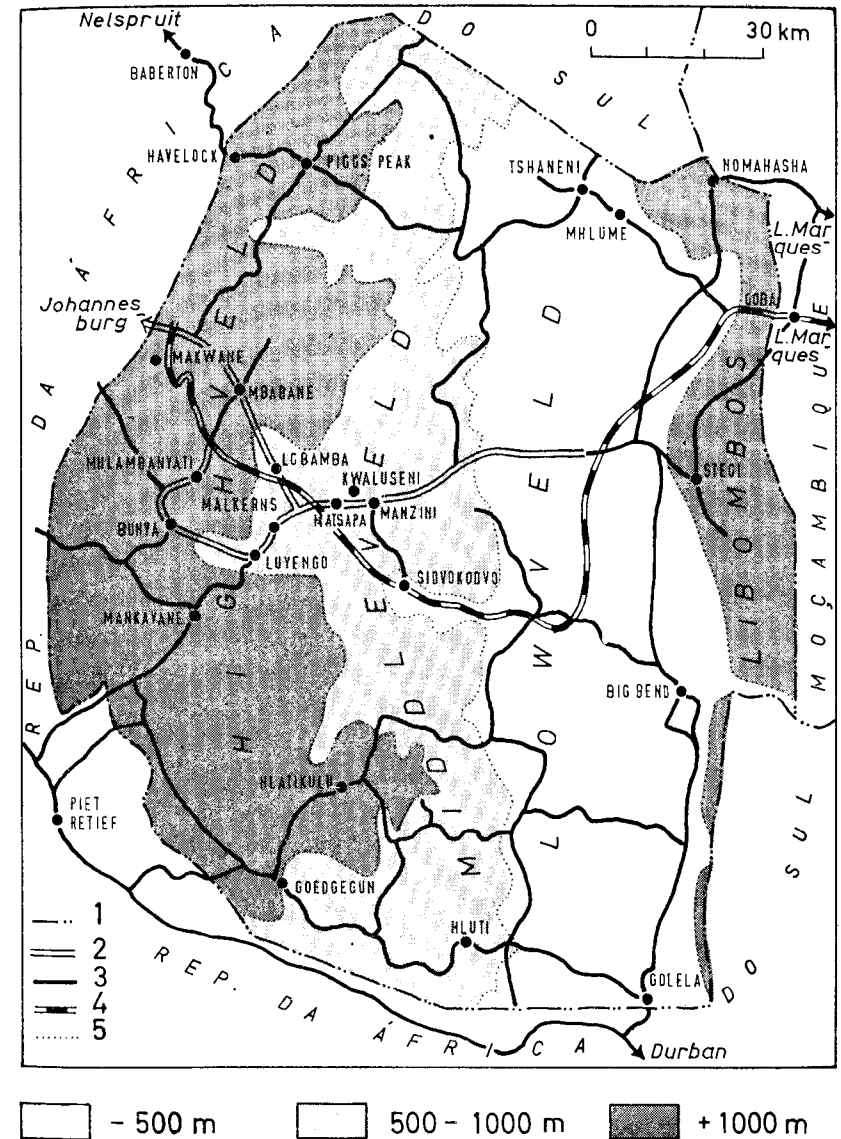


Fig. 1—Mapa geral da Suazilândia. 1: Limite de fronteira; 2: estradas asfaltadas; 3: estradas de terra batida; 4: caminho-de-ferro; 5: limites das zonas altitudinais.

como a luta pelo poder entre os bóeres e os ingleses, o esforço para o alcance da faixa costeira do Índico, as tentativas de conquista da amizade suazi e vários outros acontecimentos políticos no sudeste da África.

Quando, na segunda metade do século XVIII, o clã Dlamini, constituído por cerca de 5000 habitantes, atingiu a estabilidade política, a estrutura no espaço da actual nação era simples. Os acampamentos formavam unidades fundamentais da ocupação do solo e é de pensar que no século XIX essa rede fosse muito mais dispersa. Com o aumento da estabilidade política o tamanho dos acampamentos cresceu em função da riqueza e dos privilégios aristocráticos dos seus chefes; ocupavam grande extensão as terras reais entre os vales do Ezulwini e do Mtilane, no centro da Suazilândia (fig. 2). Esta área tornou-se o pólo principal na hierarquia espacial da Suazilândia. Os outros elementos dessa rede foram originados quando da anexação de vários clãs pelo sistema político suazi; contudo, o seu reflexo espacial traduziu-se apenas em sistemas de ligações entre o núcleo central e os clãs exteriores.

Era este o panorama da Suazilândia quando, no século XIX, chegaram os europeus. Os primeiros foram «hunters in search of game in the Lowveld, farmers who grazed their sheep on the Highveld during the winter months, missionaries and traders» (1). Datam desta época os primeiros edifícios europeus, à volta dos quais se constituíram mais tarde os aglomerados urbanos suazis. O primeiro lugar europeu foi iniciado por um alemão, Bremer, que em 1885 abriu uma loja e um hotel. À volta destes elementos construíram-se edifícios governamentais, e quando, em 1895, os bóeres assumiram a administração do território, a aldeia de Bremersdorp era uma realidade. Destruída em 1900 por um comando boer, ao pensar-se na sua reconstrução atendeu-se às elevadas temperaturas que ali se verificam e a actividade governamental foi transferida para junto duma exploração de estanho iniciada em 1887 nas margens do rio Mbabane. Perdida a função de capital, Bremersdorp, actualmente Manzini, manteve contudo a função de centro administrativo mais importante do distrito de Manzini, o papel de nó rodoviário no contacto

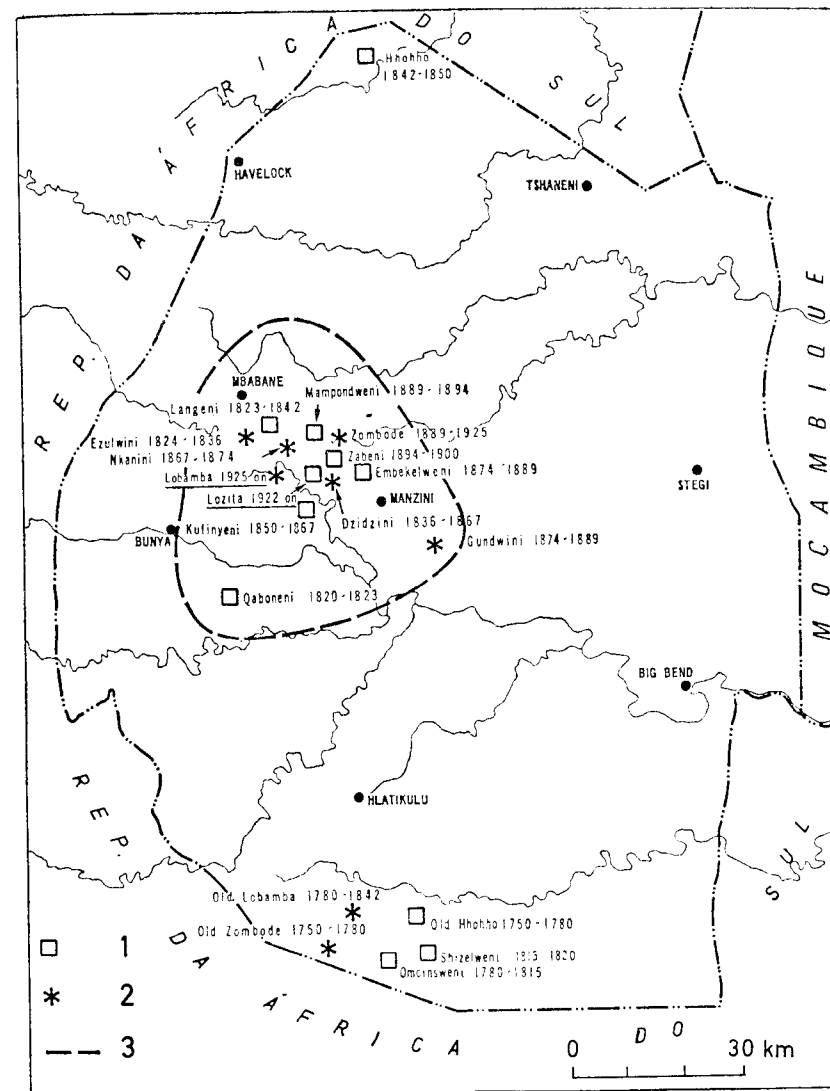


Fig. 2 — Regiões tradicionais da Suazilândia. 1: Terras do Rei; 2: terras da Rainha-mãe; 3: limite da fronteira em 1930.

(In: T. Y. FAIE, G. MURDOCK, H. M. JONES — *Development in Swaziland*, Witwatersrand University Press, Johannesburg, 1969, p. 22).

(1) *Swaziland 1966: Report for the year 1966*, London, 1967, p. 114.

da maior área agrícola do país com a estrada Lourenço Marques-Witwatersrand, servindo comercialmente a grande maioria dos agricultores do Middle e do Lowveld. A descoberta do ouro no Transval, em 1886, precipitou o povoamento europeu, dando origem à criação de Pigg's Peak. Este aglomerado funcionou como centro comercial e de serviços enquanto durou a prospeção mineira no extremo noroeste da Suazilândia. A leste, os Libombos proporcionavam melhores condições climáticas que o Lowveld para a fixação dos europeus e Stegi apareceu em 1890 com função tripla: centro administrativo do distrito de Stegi, hoje Lubombo; centro de serviços para os agricultores do Lowveld; único ponto de passagem da estrada entre a Suazilândia e a fronteira de Goba (Moçambique). Ao mesmo tempo a necessidade duma organização administrativa criou outros centros como Hlatikulu (1903); mais ao sul, Nhlangano (1937) tornou-se ponto de comércio, satisfazendo as necessidades dos africanos, e, no noroeste, Havelock (1937) apareceu como resultado da exploração das minas de asbestos. Eram estes os centros urbanos suazis que existiam até à segunda guerra mundial, à exclusão do Royal Kraal em Lobamba (fig. 2).

A acção colonial na Suazilândia após a segunda guerra mundial implicou algumas modificações e o enfraquecimento da economia tradicional, tendo sido feitos largos esforços de modernização e desenvolvimento económico. Entre outros factores, podemos considerar como fundamental a grande prosperidade que ocorreu na República da África do Sul, permitindo que se olhasse para as áreas vizinhas como novos pontos de investimento. Com algum auxílio da *Colonial Development Corporation*, iniciou-se uma onda de desenvolvimento na Suazilândia com repercussões nos aglomerados populacionais do país. Uma das formas mais evidentes foi o contraste população urbana-população rural; neste contexto, em 1946, apenas 8 p. 100 da população total (187 997), vivendo em Mbabane, Manzini e seus subúrbios, podia ser considerada urbanizada. Novos centros apareceram, devendo a sua existência a investimentos privados da *Colonial Development Corporation*: Bunya (1945) ligada à florestação do Highveld; Tshaneni-Mhlume (1950) e Big Bend-Ubombo (1962) asso-

ciados a esquemas de irrigação para cultivo da cana-do-açúcar e do arroz.

Conjuntamente com este surto de fixação europeia iniciou-se também o desenvolvimento da rede de transportes, irradiando de Manzini para Stegi e Lavumisa na Suazilândia, para Breyten e Piet Retief na República Sul Africana. Contudo, apesar destes contactos, a distribuição da população manteve sempre as suas características tradicionais; só Mbabane e Manzini, favorecidos pelas suas posições em relação às redes de estradas, contam mais de cinco mil habitantes, classificando-se em lugares de evidência na rede urbana suazi. Os restantes aglomerados mantêm-se em desenvolvimento lento, em virtude das maiores facilidades de acesso e dos melhores meios de comunicação para os centros anteriormente citados.

No momento actual, para uma população total de cerca de 450 000 habitantes, apenas poderão mencionar-se dois centros com população de características urbanas — Mbabane com 18 500 e Manzini com 9000 habitantes, ou seja 6 p. 100 da população total. Dos outros aglomerados a maioria comporta populações que variam entre 1000 e 4000 habitantes (Tshaneni, Bunya, Mhlambaniaty, Kwasulveni, Pigg's Peak, Nhlangano e Big Bend) e em quatro ela é inferior a 1000 habitantes (Lavumisa, Sidvokodvo, Mankayne, Hlatikulu), como se pode ver no quadro I.

## II

Os factos descritos anteriormente levam-nos, no estudo das cidades suazis, a acrescentar às características particulares dos aglomerados urbanos em África as expressões urbanísticas inerentes à colonização britânica, onde o «apartheid» significa diferenciação entre bairros europeus e bairros negros, separados por um espaço apelidado «buffer zone» ou «cordon sanitaire». G. WHITTINGTON<sup>(2)</sup> procurou representar graficamente (fig. 3) a estrutura interna das cidades da África do Sudeste. As necessidades de água e de arejamento favorecem a sua localização nos vales dos

<sup>(2)</sup> C. WHITTINGTON, «Towards urban development in Swaziland», *Erdkunde, Archiv für Wissenschaftliche Geographie*, Bona, 1970, p. 27.

rios; em função deles e das vias de comunicação dispõem-se os quarteirões. As áreas onde vive e circula a população branca ocupam as partes mais altas do aglomerado e situam-se sempre junto das estradas que facultam o desenvolvimento do seu papel de centro de atracção comercial e de serviços. Os quarteirões africanos, alheios aos benefícios de áreas de implantação escolhidas, crescem nos terraços inferiores dos rios, junto aos caminhos-de-ferro e próximo da zona industrial que, pelas suas características, vai tornando os sítios menos

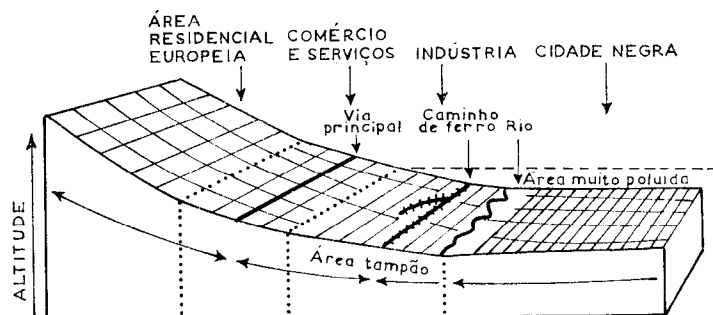


Fig. 3 — Esquema da organização do espaço nas pequenas cidades da África do Sudeste. (Extraído de C. WHITTINGTON, ob. cit.).

atractivos. Com a recente independência da Suazilândia o esquema de localização dos quarteirões não se alterou totalmente. A população suazi com maiores possibilidades económicas passou a ocupar a «cidade dos brancos», conjuntamente com os que ali permaneceram após a retirada do domínio britânico, enquanto os habitantes economicamente mais débeis permaneceram nas áreas com más condições de habitação.

Apesar de uma certa uniformidade na malha urbana, a posição hierárquica dos centros suazis é muito variada. Para um estudo desta hierarquia a análise baseada exclusivamente na população é puramente arbitraria e conduz a uma falsa medida da importância relativa dos centros urbanos e para-urbanos. É necessário que se considerem essenciais as funções centrais exercidas por cada centro. Não há dúvida que o grau de ocorrência destas depende do nível económico da área estudada. Num país desenvolvido, a existência de dois ou

mais bancos ou de dois ou mais hospitais é suficiente para indicar um centro urbano; mas, num país em vias de desenvolvimento, aqueles elementos podem corresponder a centros de grande importância. Para a análise dos aglomerados suazis procurámos fazer um levantamento directo das actividades de cada um dos 15 centros populacionais, trabalho que foi completado pela consulta da lista telefónica e do *Annual Statistical Bulletin*.

Com base neste material puderam reconhecer-se 29 funções centrais diferenciadas em 3 classes distintas, em termos de ocorrência e conceito hierárquico. Na classe A agruparam-se 3 funções centrais que ocorrem nos 15 centros considerados (comércio misto, escolas primárias e bombas de gasolina); a classe B engloba 8 funções centrais, desde o comércio exclusivamente alimentar, que ocorre em 8 lugares, até à oficina de reparação de automóveis que aparece em 4. Por último, anotámos 18 funções centrais, das quais uma (hospital) existe em 8 lugares centrais e as restantes apenas em duas localidades. Da análise do quadro 1 ressalta imediatamente a pouca homogeneidade na distribuição das funções centrais com ocorrência significativa em Mbabane e Manzini, enquanto outras anomalias são detectadas e em parte explicadas pela recente independência dum país onde a população vive, na sua grande maioria, numa forma tradicional. Dentre os factos que chamam mais a atenção podemos salientar: a ocorrência constante da bomba de gasolina e da escola primária, seguidas de grande representatividade dos bancos e das escolas secundárias, estão à primeira vista em desacordo com a estrutura económica da população. O fenómeno explica-se, no primeiro caso, pela localização dos aglomerados suazis em pontos de passagem de veículos que transportam passageiros e fazem o escoamento de produtos da Suazilândia para o litoral. O aparecimento de escolas primárias e secundárias justifica-se pela intensificação da escolarização, sobretudo desde a independência<sup>(3)</sup>. A presença dos bancos deve-se à importância

(<sup>3</sup>) O número de alunos que frequentavam a escola primária em 1967 era de 55 005; em 1970 o número elevou-se para 69 055. O total de alunos do ensino secundário nos mesmos anos era, respectivamente, de 3792 e 8027. In *Annual Statistical Bulletin*. Central Statistical Office, Mbabane, 1971.



QUADRO II  
Ocorrência dos serviços administrativos nos principais centros suazis

Aglomerados populacionais	Ministério da Agricultura	Ministério do Comércio, Indústria e Minas	Ministério da Educação	Ministério das Finanças	Ministério dos Negócios Estrangeiros	Ministério da Saúde	Ministério da Justiça	Ministério da Administração local	Ministério das Obras Públicas	Ministério das Comunicações	Direcção dos Serviços de Veterinária	Polícia	Departamento da Agricultura	Governo de Distrito	Direcção Distrital da Educação	Departamento do Ministério da Saúde	Departamento do Ministério das Comunicações	Departamento dos Serviços de Veterinária	Corpo de Polícia
Mbabane	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Manzini																			
Nhlangano																			
Stegi																			
Pigg's Peak																			

de lugares centrais ainda mal desenvolvidas e escassas para o tamanho da população nelas residente e vivendo à sua volta.

Da análise dos quadros I e II podemos ainda verificar a presença de três categorias de centros: Manzini e Mbabane são *towns*, com um elevado número de habitantes e serviços. Nove centros podem ser classificados como *villages*, embora tenhamos que distinguir aqueles que são verdadeiros centros de serviços (Stegi, Nhlangano, Pigg's Peak, Hlatikulu, Kwaluseni, Mankayne) e os que estão directamente ligados a empresas (Havelock, Big Bend, Mhlambaniaty). Os restantes podem ser classificados *hamlets*, com população e número de serviços reduzidos, sendo estes muito elementares — comércio misto, bomba de gasolina e escola primária. Nota-se ainda uma anomalia em relação ao esquema habitual de hierarquia urbana dos países subdesenvolvidos. Manzini ocupa um lugar de maior proeminência que Mbabane, a capital. Como a diferença entre o número de funções centrais de Manzini e Mbabane só por si não seria suficiente para justificar tal afirmação, procurámos por meio de inquéritos ver o comportamento espacial da população em relação a cada lugar central. Num país em vias de desenvolvimento, a importância de cada lugar central traduz-se, muitas vezes, numa forma imediata, pela análise da área sob domínio do lugar central no que respeita à recolha de produtos alimentares para consumo no mercado diário, ou mesmo através da hierarquia de funções numa empresa de grande importância à escala nacional. Estes elementos não se encontram no país estudado, pelo que procurámos interpretar algumas funções centrais que nos pareceram mais significativas. Foram excluídas, da nossa análise, por serem pouco representativas, a área de distribuição do armazenista de mercearia, da loja de máquinas agrícolas e da circulação do jornal que, por serem únicos, logicamente dominam todo o espaço nacional. Não foi considerada também a actividade bancária, pois está mais ligada às empresas estabelecidas na Suazilândia do que à sua população economicamente débil. Do ponto de vista comercial, pareceu-nos mais importante, no contexto da sociedade suazi, serem mais significativas as frequências respeitantes a compras de roupas, sapatos e artigos eléctricos. Podemos verificar, pela figura 4, o seguinte:

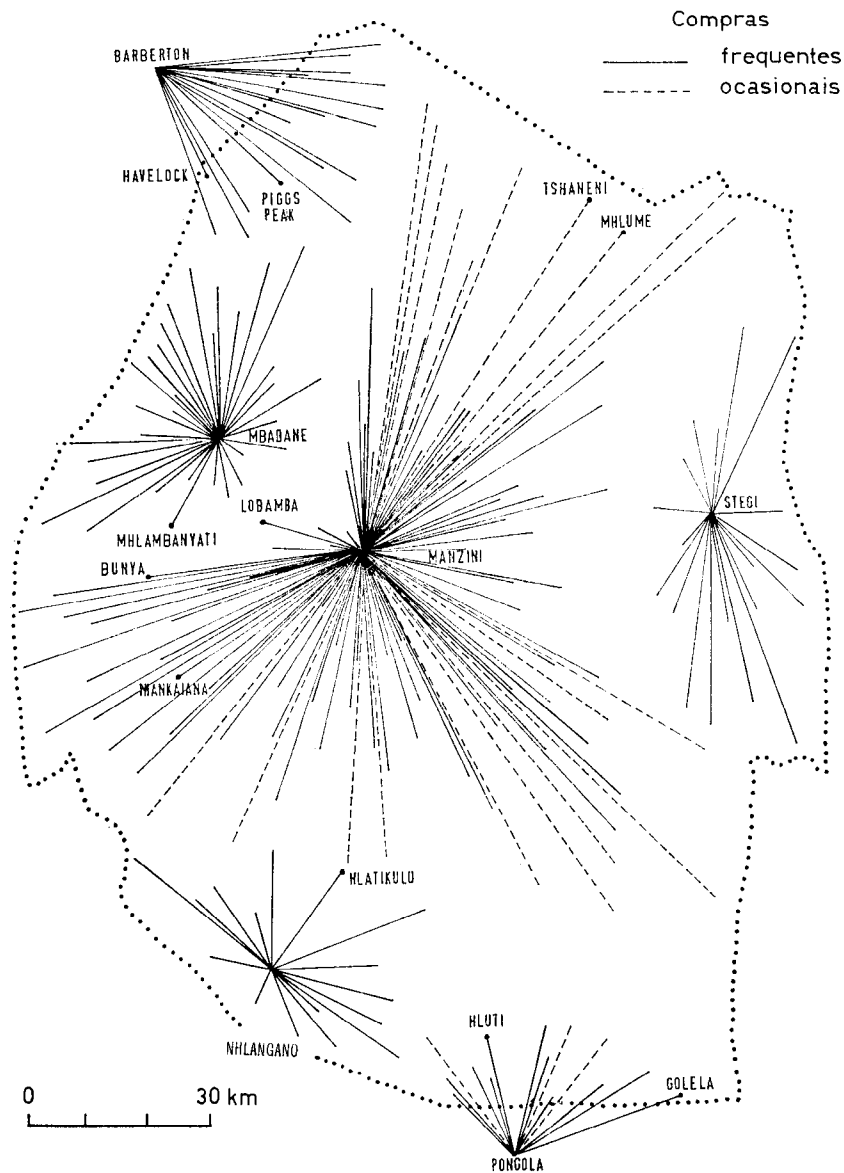


Fig. 4 — Preferências para compra de roupa, sapatos e artigos eléctricos.

— Manzini domina quase todo o país, facto que se justifica pela sua posição de nó rodoviário, pela sua localização no centro da área industrial (Matsapa) e ainda pelo prestígio remanescente da sua antiga função de capital;

— Stegi e Nhlanguano atraem população com poder de compra mais baixo, que procura nas lojas destes centros panos e artigos com pouco valor económico;

— Mbabane aparece «sufocada» por Manzini, embora possamos encontrar por vezes alguns habitantes que frequentemente se abastecem em Manzini;

— Barbertone e Pongola, na República da África do Sul, atraem compradores suazis por possuírem grande número de casas comerciais, exploradas por indianos, onde se encontra maior variedade e preços mais baixos.

No respeitante à atracção exercida pelos serviços, nota-se que o hospital de Pigg's Peak estende a sua influência ao noroeste do país, enquanto o papel regional do hospital de Havelock é mais reduzido por servir apenas a população ligada à empresa *Havelock Asbesto Mine*; igual explicação poderá ser dada para a reduzida área de influência do hospital de Tshaneni (fig. 5). A presença destes serviços de saúde faz diminuir logicamente a área de atracção de Manzini, que apesar de tudo mantém o seu papel dominante. Nhlanguano estende a sua atracção até Lavumisa, enquanto Stegi e Mbabane mantêm um comportamento semelhante ao da figura 4.

Pela sua maior representatividade, as escolas de ensino secundário reduzem a área de atracção dos centros analisados anteriormente, mas mantém-se o comportamento hierárquico (fig. 6). É de salientar que as escolas suazis comportam alguns estudantes da República da África do Sul que para ali vêm fugidos do *apartheid*. No entanto, o número não é bastante significativo (597, em 1970) para que possamos estender a área de influência dos aglomerados onde se encontram para além das fronteiras políticas.

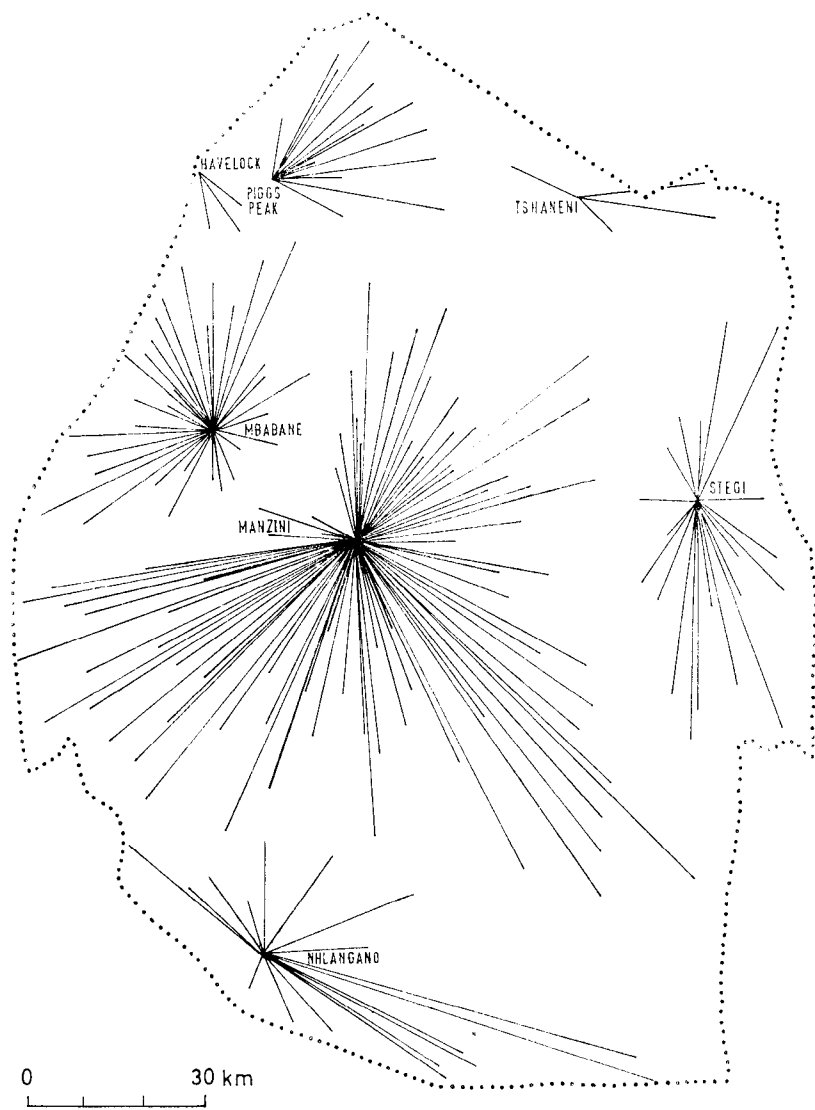


Fig. 5—Preferências dominantes para utilização do equipamento hospitalar.

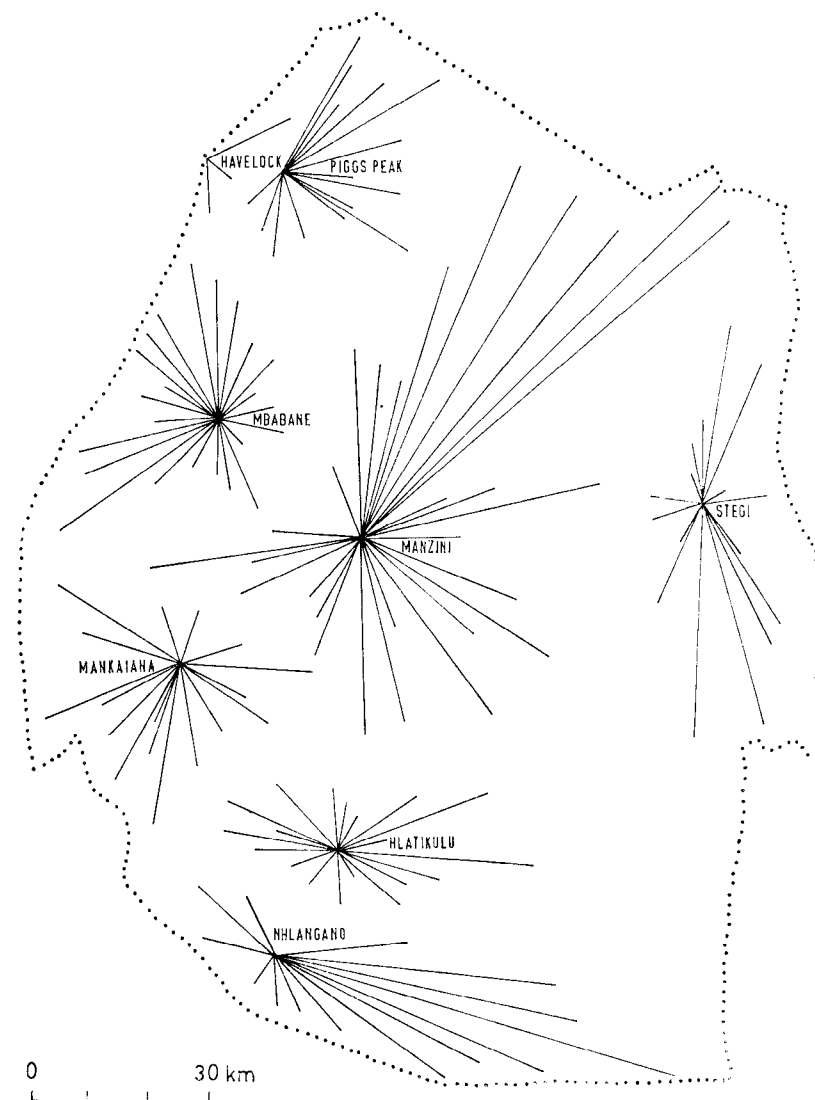


Fig. 6—Preferências dominantes para o ensino secundário.



## III

A análise dos elementos apontados mostra-nos uma rede urbana ainda em esboço, cuja consolidação será certamente a consequência das modificações da estrutura económica suazi. Apesar da existência duma economia dualista, podemos incluir a Suazilândia no período dois do modelo de Rostow, apelidado *Pre-conditions for take-off* <sup>(4)</sup>. A organização do espaço é muito simples, limitando-se o país a ter um único centro ou área central (*primate core*) e a «periferia».

O espaço entre Manzini e Mbabane constitui, sem dúvida, a *primate core* suazi pois possui as características exigidas para que, num país africano, uma área seja considerada como tal <sup>(5)</sup>: localização na parte mais povoada e produtiva do país; existência da capital e da rede de comunicações mais densa; fundação geralmente associada às origens e à história da nação; relação com o poder tradicional dos reinos ou com as sedes administrativas do governo colonial; contactos intensos entre imigrantes e a população indígena, tendo como consequência o incremento da economia local; centro de combinação de actividades primárias, secundárias e terciárias. Nela poderão verificar-se, por um lado, grandes transformações no desenvolvimento económico, pois a área irrigada poderá expandir-se por mais 40 000 ha na vizinhança de Malkerns e nos vales do Ezulwini e Mtilane; por outro lado, quatro linhas directrizes de produção industrial, todas em estágio de desenvolvimento inicial, emergiram entre Mbabane e Manzini. Estão ligadas a processos primários de preparação de matérias-primas (utilização de madeiras, preparação de algodão, tecelagem), de manufacturas de artigos de consumo utilizando produtos locais (enlatamento de frutos e carnes, fabrico de cerveja, lacticínios, sabões, preparação de águas minerais), de produção de materiais de construção (tijolos e blocos de cimento) e ainda a distribuição de serviços (reservatórios de combustíveis, material eléctrico, timbragem

de papel, etc.). O acesso do caminho-de-ferro e de outros serviços poderá gerar um desenvolvimento económico capaz de permitir que, nos próximos quinze anos, a Suazilândia venha a competir com outros países no mercado externo.

A este desenvolvimento serão particularmente sensíveis as cidades de Manzini e Mbabane, onde já hoje 27 p. 100 e 40 p. 100 da população é constituída por imigrantes que habitam áreas não planeadas e lutam contra as más condições de residência e problemas de desemprego, habituais nos países novos. Sendo difícil estancar as correntes migratórias, todas as medidas governamentais para a resolução do problema terão de ser acompanhadas sem dúvida pela elaboração de novos planos de urbanização aplicáveis àqueles dois centros urbanos <sup>(6)</sup>, fazendo-se uma previsão mais compreensiva e flexível do espaço urbano, adaptável às novas transformações provocadas pelo desenvolvimento económico. Pelo mesmo motivo a rede urbana sofrerá alterações: a localização da nova residência real, do Parlamento e do estádio nacional em Lobamba parece gerar um novo pólo de crescimento de grande importância, encarado sobretudo no contexto da Suazilândia como país independente. Paralelamente estão em desenvolvimento outros centros: Matsapa, com o aeroporto nacional e o colégio da Polícia; o centro educacional de Luyengo com a escola de agricultura e a Universidade; o centro agro-comercial de Malkerns e a área residencial e de recreio no vale do Ezulwini, onde se encontram o Royal Suazi Hotel e o casino. Matsapa (área) vai adquirindo importância cada vez maior, pela sua posição em relação à estrada e à via férrea Witwatersrand-Lourenço Marques; os centros urbanos citados acabarão também por adquirir maiores importâncias na *primate core*.

Na «periferia» podemos encontrar dois elementos bem distintos: os centros subsidiários que emergiram em partes pouco povoadas, mas que encontraram recursos importantes para o seu desenvolvimento (minerais, madeiras, solos e água) e onde as comunicações são fáceis, com a vantagem de serem acessíveis à *primate core*. A «periferia» propriamente dita

<sup>(4)</sup> W. ROSTOW, *The Stages of Economic Growth*, Cambridge, 1960, pp. 6-7.

<sup>(5)</sup> HARM DE BLIJ, *Systematic Political Geography*, New York, 1967, cap. 13.

<sup>(6)</sup> Os planos para Manzini e Mbabane estão contidos na legislação baseada em *United Kingdom Planning Act*, de 1909.

possui, em contraste, todas as características favoráveis à regressão económica e os únicos exemplos de total coerência e identidade são tradicionais (a estrutura tribal, as residências) ou pré-industriais (produções primárias e o consumo do milho). Numa perspectiva de desenvolvimento contínuo destas áreas haverá necessidade de expansão do espaço cultivado e a sua diversificação feita em bases de melhor aproveitamento económico. No Nordeste e Leste consideráveis extensões de terreno terão possibilidades de irrigação, entre os rios Komati e Mbuluzi e sobre os terraços do Usutu. As pesquisas governamentais sobre os recursos de água e capacidade de solos foram suplementadas por um projecto das Nações Unidas e da FAO, para o desenvolvimento e irrigação das terras da bacia do Usutu, e a *Commonwealth Development Corporation* preparou um plano de irrigação do Nordeste. Mas enquanto os problemas técnicos são cientificamente encarados, os económicos continuam por tratar. Persistem os baixos preços para o açúcar no mercado mundial e a possibilidade de um acordo internacional não é fácil. As flutuações da cotação mundial daquele produto evidenciam mais a necessidade de diversificação das áreas subsidiárias. Em face deste problema a CDC (1) definiu, em função do tipo de solos, 74 p. 100 da área irrigada para o cultivo da cana-do-açúcar, 23 p. 100 para o arroz e o restante para citrinos. Concomitantemente estabelecem-se fábricas de preparação de açúcar e arroz e prepara-se o acesso do caminho-de-ferro até Mlawula e Phuzumoya, que deverá encorajar esta diversificação orientada para os mercados externos.

Em contraste, o centro subsidiário do Noroeste tem menos importância económica devido ao seu isolamento e à pouca importância dos seus produtos. As minas de asbesto só poderão continuar mediante a instalação dum teleférico para Baberton, e existe grande dificuldade de instalação duma indústria baseada na exploração de florestas. A expansão económica desta área depende da abertura de novas minas e do aparecimento de novas ligações externas para Kadake, Hectorspruit ou Mlawula. O Noroeste é a mais desintegrada das áreas subsidiárias e aquela onde as necessidades de desen-

(1) Abreviatura de *Commonwealth Development Corporation*.

volvimento estão longe de ser satisfeitas, em virtude da inexistência duma boa rede de estradas. No actual estágio de desenvolvimento todas aquelas áreas apresentam formas de povoamento não permanentes, ligadas a uma agricultura do tipo estacional e que são reflexo dos contratos de mão-de-obra efectuados pelas companhias agrícolas, muitas vezes por períodos curtos. Estas e o governo procuram combater a situação instável dos trabalhadores, elaborando projectos para a fixação dos familiares rurais. A efectivação destes projectos incrementará a estabilização do povoamento e as «*company towns*» tenderão a ser integradas no sistema urbano nacional. Fazendo parte dele, poderão oferecer duas ou quatro vezes mais serviços do que aqueles que prestam actualmente. É evidente que a transformação destas aldeias em centros urbanos mais diversificados, com comércio mais vasto e funções de serviços, irá lado a lado com a expansão económica destas regiões e com o melhoramento das suas ligações com outras partes da Suazilândia e territórios vizinhos.

A previsão do desenvolvimento potencial das áreas anteriormente analisadas, mostrando em ambas o seu crescimento interno e a sua capacidade de expansão, poderá levar a pensar que se expandirão de modo a eliminar as partes da periferia a ela adjacentes. A expansão da *primate core* em breve poderá ocupar as terras altas de Makwane e a bacia superior do Usutu, no norte, talvez concentrando-se no velho centro aurífero de Forbes Reef, e a sudoeste na plataforma Dwalile. A irrigação poderá expandir-se pelos bons solos do vale superior do Mtilane, englobando o sopé de Tondozi. Nas áreas subsidiárias o potencial de expansão das plantações no Noroeste é menor que as possibilidades de irrigação do baixo vale do Lomate. A nordeste, a irrigação pode estender-se a Shuni e Ngomane e a este desde Sipoganeni até Little Bend.

Esta estratégia orientará a transformação do povoamento disperso num desenvolvimento concentrado e novas aldeias poderão aparecer nas áreas apontadas. O isolamento de Nhlanguano e Hlatikulu em relação ao resto da Suazilândia poderá ser superado pela construção duma boa estrada que, por sua vez, tornará mais fortes as relações com a África do Sul, facilitando a ascensão destes dois aglomerados na hierarquia urbana suazi. A nova organização do espaço geo-

gráfico dependerá fundamentalmente das actuações governamentais e da própria população, que manifesta grande capacidade para transformar a sua sociedade fortemente tradicional. É longa e difícil a passagem da fase de transição à industrialização, mas os suazis têm duas vantagens — os recursos de base e a sua colocação no Sudeste da África — que são bons pontos de partida para a iniciação do seu desenvolvimento.

MARIA CLARA MENDES

### RÉSUMÉ

*Aspects géographiques du réseau urbain du Swaziland.* Cette étude est consacrée à l'analyse de la hiérarchie spatiale du Swaziland, pays récemment indépendant, situé en Afrique orientale dont la population totale était de 450 000 habitants en 1970.

Dans la première partie, l'évolution urbaine du Swaziland est étudiée en tenant compte des facteurs historiques et économiques. D'une part, on met en valeur l'importance de la région située entre les vallées du Ezulwini et du Mtilane, constituant encore aujourd'hui les terres royales et qui, depuis le XVIII<sup>e</sup> siècle, est considérée le pôle principal du pays. D'autre part, on essaie de donner une idée de l'apparition des centres urbains en tenant compte des causes de leur origine: Manzini (1885), capitale initiale, se développe par le rôle de noeud routier qu'elle joue au contact de la plus grande région agricole du pays et de la route Witwatersrand-Lourenço Marques; Pigg's Peak (1886) est lié à la découverte de l'or dans le Transval et Havelock à l'exploitation de l'amianté dans le Nord-Ouest; Stegi (1890), ville de passage sur la route reliant le Swaziland à Goba (Mozambique); Hlatikulu (1903) et Nhlanguano (1937) en tant que centres commerciaux. Enfin, la grande prospérité qui régna en République Sud-Africaine après la deuxième guerre mondiale provoqua l'apparition de centres comme Bunya (1945), lié au reboisement du Highveld et d'autres comme Tshaneni-Mhlume (1950) et Big Bend-Ubombo (1962) associés aux plans d'irrigation pour la culture de la canne à sucre et du riz.

Dans le chapitre II, les caractéristiques générales de la maille urbaine Swazi sont présentées et on passe ainsi à l'analyse de la position hiérarchique des différents centres. Après l'exposition de la méthode employée, on analyse le comportement de la population relatif à l'obtention de quelques biens centraux des secteurs public et privé. La simplicité de la structure administrative permet de hiérarchiser les centres à partir des fonctions suivantes: 1) commerce mixte, écoles primaires, pompes à essence que l'on rencontre dans les 15 centres considérés; 2) épicerie, banques, écoles secondaires, restaurants, boucheries, hôtels, ateliers de réparation auto et vente d'automobiles apparaissent dans

4 à 8 lieux centraux; 3) hôpitaux, cliniques, médecins particuliers, magasins de confection, appareils électriques, photographes, pharmacies, laveries, accessoires d'automobiles, magasins de chaussures, de meubles, barbiers et coiffeurs, grandes épiceries, horlogeries, librairies-papeteries, drogueries, magasin de fleurs, typographie n'apparaissent qu'à Manzini et Mbabane (à l'exception des hôpitaux). Cette analyse montre que Manzini domine presque tout le pays, étouffant Mbabane qui exerce la fonction de capitale administrative du Swaziland.

Le dernier chapitre traite des tendances évolutives de la hiérarchie spatiale Swazi. Les principaux facteurs possibles répondant de l'évolution sont: 1) l'expansion et la modernisation de l'agriculture dans le Malkerns, dans les vallées du Ezulwini et du Mtilane, dans le Centre, le Nord et l'Est; 2) l'industrialisation, en soulignant l'essor des industries de transformation dans la région de Matsapa et l'exploitation des nouvelles mines du Nord-Ouest; 3) la transformation du réseau des voies de communication qui aidera la diversification de l'agriculture orientée vers les marchés extérieurs et qui rendra plus fortes les relations avec l'Afrique du Sud; 4) les décisions d'ordre politique, surtout celles relatives aux régions soumises à la tutelle de la Colonial Development Corporation, compte tenu de l'instabilité de la population agricole et de l'application des projets d'intégration des «Company towns» dans le système urbain national.

### SUMMARY

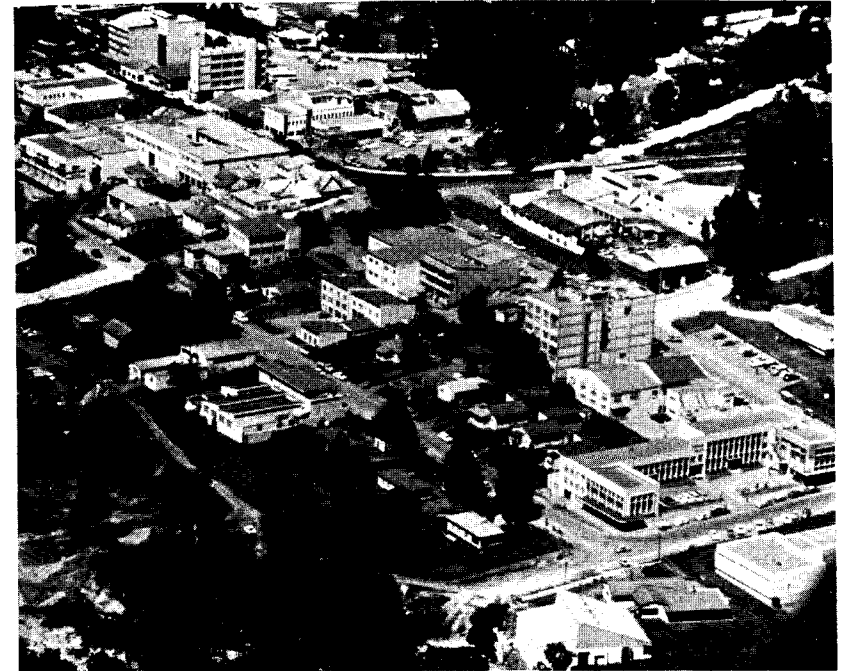
*Geographical aspects of the urban network of Swaziland.* This study is devoted to the analysis of the spatial hierarchy of Swaziland, a newly-independent country, situated in East Africa, with a total population of 450,000 inhabitants in 1970.

In the first part one looks at the urban evolution of Swaziland, bearing in mind factors of a historical and economic nature. On the one hand, is focussed the importance of the area lying between the valleys of Ezulwini and Mtilane, which even today are royal estates and which, since the XVIIIth Century has been considered the main centre of the country. On the other hand, one tries to give an idea of the way in which the urban centres appeared, taking into account the causes that led to their origin. Manzini (1885), initially the capital, is developing due to its role of road link in the contact between the largest agricultural area of the country and the Witwatersrand-Lourenço Marques road: Pigg's Peak (1886) and Havelock (1937) respectively linked with the discovery of gold in the Transvaal and the exploitation of asbestos in the Northwest; Stegi (1890) transit point on the road between Swaziland and Goba (Mozambique); Hlatikulu (1903) and Nhlanguano (1937) as commercial centres. Finally the great prosperity that was felt in the Republic of South Africa following the Second World War is responsible for the appearance of centres such as Bunya (1945) linked with the forest-planting of the Highveld; Tshaneni-

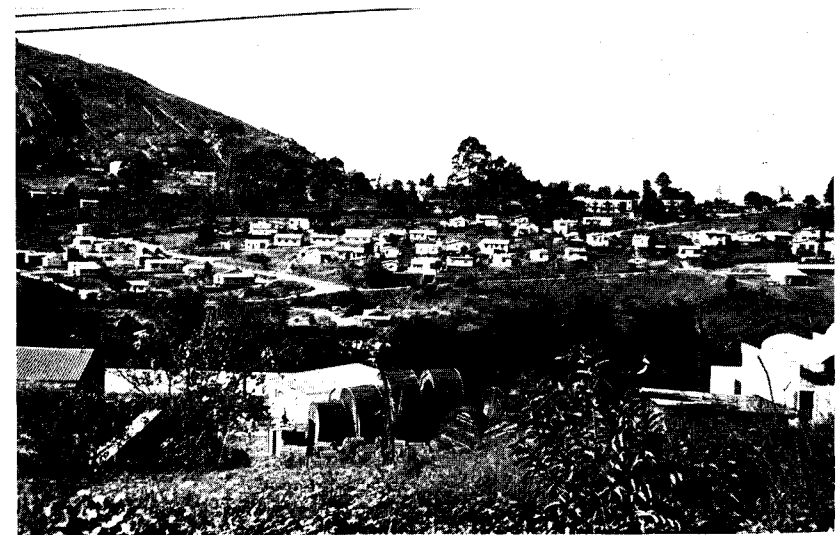
-Mhlume (1950) and Big Bend-Ubombo (1962) associated with the irrigation schemes for the cultivation of sugar-cane and rice.

In Chapter II are presented the general features of the urban Swazi grid, turning to the analysis of the hierarchic positions of the various centres. Having explained the methodology, one observes the behaviour of the population in relation to the acquisition of a number of central goods in the public and private sectors. The simplicity of its administrative structure enables one to establish a hierarchy of centres by reference to the following functions: 1) mixed commerce, primary schools, petrol stations to be found in the fifteen centres considered; 2) grocers, banks, secondary schools, restaurants, butchers, hotels, workshops for car repairs and car showrooms, which appear in from eight to four central places; 3) hospitals, clinics, private doctors, clothes shops, shops selling electrical household appliances, photographers, chemists, laundries, car-spares stores, shoe shops, furniture shops, men's and women's hairdressers, grocery stores, watchmakers, bookshops and stationers, druggists, florists and printers, all of which, with the exception of the first-mentioned, only appear in Manzini and Mbabane. This analysis shows that Manzini overshadows almost the whole of the country, strangling Mbabane, which performs the function of administrative capital of Swaziland.

The last chapter deals with the evolutionary tendency of the Swazi hierarchy. The main possible factors capable of justifying its evolution are: 1) the expansion and modernization of the agriculture in Malkerns, the valleys of the Ezulwini and Mtilane, the centre, Northeast and East; 2) industrialization with particular reference to the sudden appearance of processing industries in the area of Matsapa and the exploitation of new mines in the Northwest; 3) the transformation of the communications network which will help to contribute to the diversification of agriculture directed towards the external markets, and will strengthen the relations with South Africa; 4) decisions of a political nature, especially those referring to areas under the rule of the Colonial Development Corporation, with particular reference to the instability of the population settlement living of agriculture and the execution of projects relating to the integration of the «company towns» in the national urban system.



EST. I, A — Vista aérea da zona central de Mbabane, notando-se em primeiro plano o grupo de edifícios onde estão instalados os corpos diplomáticos.



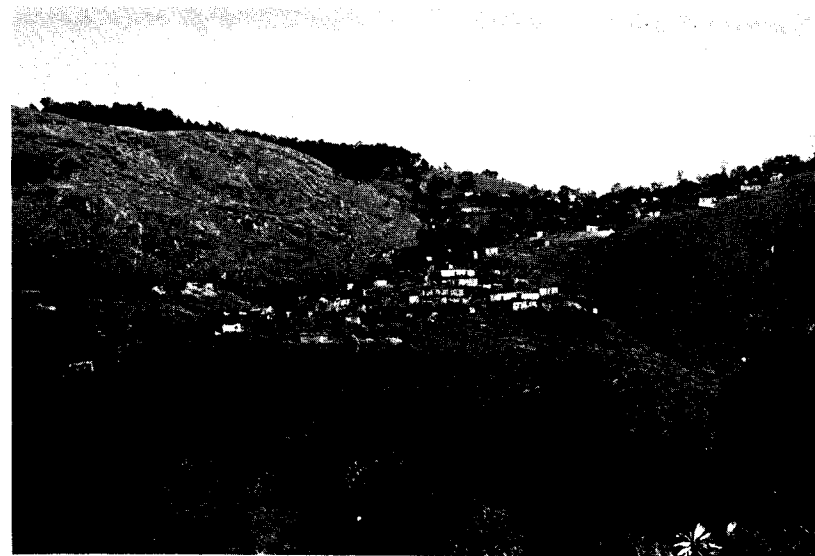
EST. I, B — O bairro residencial de Msunduza, em Mbabane.



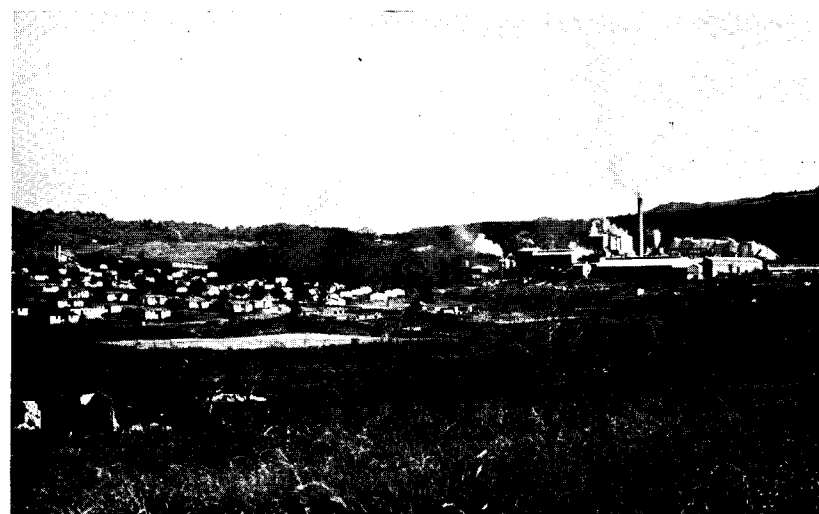
EST. II, A — Aspecto da rua principal de Manzini.



EST. II, B — Casas de tijolo e zinco, em construção em Kwaluseni. São imagem duma tentativa de resolução do problema habitacional da Suazilândia.



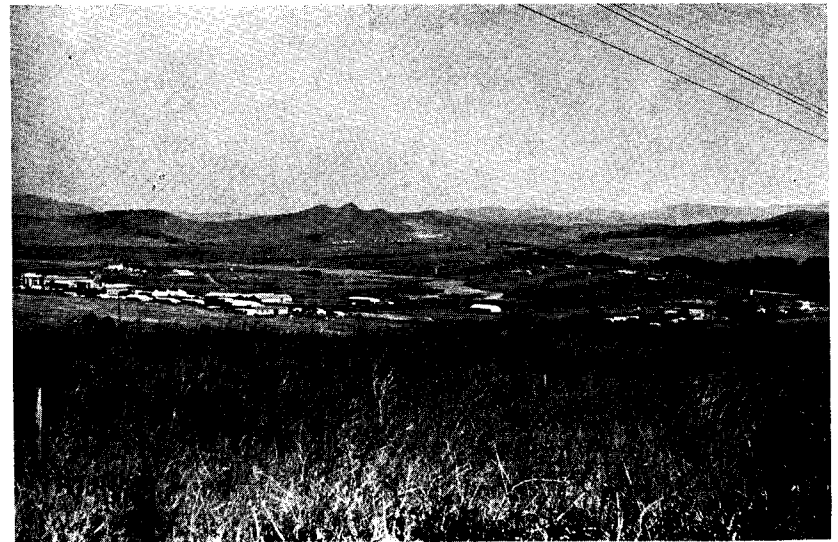
Est. III, A — Uma aldeia rural no Highveld.



Est. III, B — A fábrica de papel da Usutu Pulp Company's Mill, símbolo de um surto económico que se vem fazendo sentir na Suazilândia.



EST. IV, A — Um aspecto de Mhlambaniaty, aglomerado residencial dos operários europeus da Usutu Pulp Company's Mill.



EST. IV, B — Panorâmica da área industrial de Matsapa, vendo-se à direita a estrada de Lourenço Marques-Witwatersrand e o pequeno Usutu onde se tenta a construção duma obra de irrigação.